

Entrevista biográfica de experiência migratória – História Oral

Projeto: Viena Latina – VIELAC¹

Data: 23.02.2025

Lugar: Endereço particular

Entrevistador: Pablo Volenski [P]

Entrevistade: Rodrigo [R]

Edição: Rayen Cornejo Torres, Anderson Abreu, Pablo Volenski, & Rodrigo

Número do Documento: Entrevista 65

Entrevista:

R: Meu nome é Rodrigo, tenho 32 anos, sou natural da cidade de São Paulo, Brasil. Estou em Viena há 6 anos. Cheguei em 2018. Quando cheguei, não falava nada de alemão. Foi como ser uma criança novamente: eu precisava aprender a falar “estou com sede”, “estou com fome”, coisas básicas, literalmente começando do zero.

P: E o que te motivou a migrar para Viena?

R: Foi um relacionamento. Conheci meu ex-parceiro no Brasil, em uma viagem de férias. Ficamos em contato durante um ano, enquanto eu ainda estava na faculdade e precisava terminar meus estudos. Depois, decidi vir para Viena para passar férias com ele. Nesse período, ele também foi ao Brasil para ficar comigo, e então decidimos que eu viria para morar mais tempo aqui. Foi nesse momento que começamos a conversar onde ficaríamos juntos.

¹ *Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. O mesmo se aplica ao consórcio Viena Latina, formado pelo Instituto Austríaco para a América Latina (LAI), pelo Wien Museum e pela Academia de Belas Artes de Viena.*

P: Então a mudança para cá também coincidiu com um momento político complicado no Brasil, certo?

R: Sim. Naquele período, o Brasil não vivia um bom momento político. Tivemos o impeachment da presidente Dilma, depois assumiu Michel Temer, e logo depois Jair Bolsonaro ganhou as eleições. Esse cenário também me motivou a buscar novas experiências fora do país.

P: E como ficou a questão legal da sua permanência aqui?

R: Tivemos que lidar com a burocracia. Acabamos nos casando para resolver a questão do visto, já que era necessário para eu permanecer aqui. Foi meu primeiro relacionamento sério, eu estava apaixonado, tinha 25 anos na época, e acreditava que poderia dar certo. Claro, não foi fácil. Eu deixava para trás minha família, meus amigos, minha vida no Brasil... mas pensei: se não desse certo, eu sempre poderia voltar.

P: Como foi para você esse início de vida em Viena, depois da decisão de ficar?

R: Foi um choque. Eu não conhecia absolutamente nada de alemão e precisei de meses para começar a me adaptar. No começo pensei várias vezes em desistir, em voltar ao Brasil. Meu primeiro trabalho aqui foi em um restaurante típico austríaco, na cozinha, lavando pratos e organizando utensílios. Consegui esse emprego porque o gerente era amigo do meu ex. Dentro da cozinha trabalhavam imigrantes de diferentes países, mas como eu não falava alemão, muitos me tratavam com indiferença. Isso me fazia sentir muito mal.

P: E ao mesmo tempo você já fazia curso de alemão, certo?

R: Sim. Mas no curso era tudo em alemão e eu não entendia nada. Eu me sentia perdido e, às vezes, chorava ao chegar em casa. Eu via os colegas de sala entendendo as coisas e pensava que era burro, mas depois percebi que muitos deles já tinham tido contato com a língua antes, não era a primeira vez para eles.

Foi um período muito difícil. Eu sentia vergonha, medo de falar, e ao mesmo tempo não queria desistir. Minha mãe e meus amigos no Brasil me apoiavam muito por telefone.

Diziam: “Você já está aí, tenta, mas se não der certo, pode voltar”. Esse apoio foi fundamental para eu continuar.

P: Você diria que esse apoio foi o mais importante para seguir?

R: Foi importante, mas também havia uma força dentro de mim mesmo. Eu cresci numa família pobre, sem conhecer meu pai biológico, com um padrasto alcoólatra e violento. Vivi uma infância muito difícil, sem perspectivas. E ainda por cima, sendo negro e homossexual no Brasil, enfrentei muito preconceito. Então eu já tinha aprendido desde cedo a lutar e a me agarrar a qualquer oportunidade de crescer. Isso me deu forças para insistir aqui, mesmo diante de tantas dificuldades.

P: E depois desse início difícil, como foi o segundo ano em Viena?

R: O primeiro ano foi como uma lua de mel com a cidade, tudo era novo e espetacular. Mas depois a realidade chegou: o mercado de trabalho, a necessidade de me manter, a solidão, os problemas no relacionamento... Foi muito pesado. Quando você está num relacionamento, espera apoio. Mas eu não tive compreensão do meu parceiro sobre o tempo que eu precisava para me adaptar. Com o passar do tempo, percebi que a relação virou uma montanha-russa: momentos bons e outros de muito desgaste. Isso afetou minha saúde psicológica.

P: Você chegou a pensar em voltar ao Brasil nesse momento?

R: Sim, muitas vezes. Eu pensava: “Se eu voltar agora, vão me ver como um perdedor”. Eu queria tentar mais um pouco. Essa sensação de que eu podia resistir mais me fez ficar. Só quando meu alemão melhorou e comecei a criar amizades aqui é que as coisas começaram a mudar.

P: E como foi essa mudança no mercado de trabalho?

R: O alemão abriu muitas portas. A partir dali comecei a receber indicações de amigos para trabalhos diferentes: trabalhei em restaurante, em estádio de futebol servindo cerveja, em salão de beleza, em bares. Durante a pandemia, consegui um trabalho

melhor, que me levou ao emprego atual. Hoje estou em um lugar onde me sinto em casa: meu chefe é casado com uma brasileira, meu gerente é colombiano, o ambiente é acolhedor. Não vejo esse trabalho apenas como trabalho, mas como uma comunidade. Isso me dá estabilidade e tranquilidade.

P: Então agora você tem uma vida profissional mais estável?

R: Sim. Aqui as condições são muito melhores que no Brasil: contratos formais, segurança social, salários justos. Não ganho muito, mas consigo pagar aluguel, viver bem e até guardar dinheiro para viajar. No Brasil eu trabalhava 50 ou 60 horas semanais e mal conseguia pagar as contas. Aqui, trabalhando 30 ou 40 horas, consigo me manter sem me matar de trabalhar.

P: Você comentou comigo que tem uma relação particular com a comunidade latina e brasileira em Viena. Pode falar mais sobre isso?

R: Sim. Eu esperava que fosse mais fácil encontrar apoio entre brasileiros e latinos aqui, mas não foi bem assim. Muitas das amizades que tive no início não foram positivas. Conheci pessoas muito egoístas, que só falavam de si mesmas ou buscavam vantagens. Não era o tipo de amizade que eu queria. Também ouvi histórias de golpes e mentiras envolvendo brasileiros no exterior, e infelizmente vi sinais disso em algumas situações. Isso me deixou mais desconfiado.

P: E você acabou se afastando da comunidade?

R: Em parte, sim. Eu sinto falta de amizades verdadeiras, como tinha no Brasil. Aqui muitas vezes parece que os brasileiros competem entre si, em vez de se apoiarem. Vou te dar um exemplo: uma vez, ainda no começo, fui com meu ex-parceiro visitar amigos dele, incluindo um brasileiro. Ele sabia que eu não falava alemão, mas durante toda a viagem insistiu em falar só em alemão ou inglês. Mesmo quando tentei falar português, ele não quis. Isso me deixou muito mal, porque éramos os dois brasileiros ali. Foi uma experiência de exclusão.

P: E como você lida hoje com essa questão?

R: Hoje não procuro encontros com brasileiros de forma ativa. Se acontece por acaso, tudo bem, fico feliz. Mas não vou atrás. Com latinos em geral é parecido: tem festas, bares e encontros, mas não é algo que busco. Minha expectativa era de mais união, mais sentimento de comunidade, mas não encontrei isso aqui.

P: Quais estereótipos você percebeu em relação aos latinos e brasileiros aqui na Europa?

R: O primeiro é sempre a língua: quando digo que sou brasileiro, muita gente pergunta se falo espanhol, não português. Outro é o futebol: sempre acham que eu jogo. Também tem o estereótipo da dança — como se todo brasileiro fosse dançarino nato. Eu gosto de dançar, mas não é uma regra. E, claro, o tema da violência. Muitos dizem: “Quero conhecer o Brasil, mas tenho medo por causa da criminalidade”. Eu sempre explico que, sim, existe violência, mas não é como nos filmes. É preciso ter cuidado, não usar celular ou relógio caros na rua, mas isso não significa que o país seja só isso.

P: E além dos estereótipos, quais diferenças culturais você percebe entre latinos e europeus?

R: A diferença é enorme. Aqui você tem qualidade de vida, estabilidade financeira, mas os europeus me parecem menos felizes. Eles são mais fechados, mais preocupados com o que os outros vão pensar. Nós, latinos, mesmo com problemas econômicos ou sociais, temos mais liberdade para ser quem somos: rir, dançar, abraçar, expressar sentimentos. Quando os austríacos veem isso, muitas vezes olham com admiração, não com julgamento. Isso me marcou muito: perceber que, apesar de terem tudo, muitas vezes não têm a leveza e a alegria que nós carregamos.

P: Você já teve experiências que mostrassem isso claramente?

R: Sim. Em festas, por exemplo. Aqui em Viena, muitas vezes vejo clubes cheios de gente parada, bebendo e conversando, mas sem dançar. Quando eu começo a dançar, as pessoas olham, algumas até vêm falar comigo, curiosas, como se fosse algo diferente. Já com latinos é outra coisa: em festas da nossa comunidade, todo mundo canta, dança,

conversa, interage. A energia é totalmente diferente. Essa é, para mim, uma das maiores contribuições culturais que os latinos trazem: a alegria e a espontaneidade.

P: E quais contribuições socioculturais você acha que a migração latina traz para a Áustria?

R: Principalmente a alegria, a espontaneidade e a capacidade de socializar. Em festas, encontros ou até no trabalho, os latinos costumam ser mais abertos, conversar mais, interagir mais. Isso cria um clima diferente. Dou um exemplo: quando fui ao Brasil com meu ex e amigos dele, todos europeus, era carnaval. Eu vi aqueles estrangeiros sorrindo, dançando, se divertindo de um jeito que aqui na Europa raramente acontece. Lá eles se sentiram livres. Essa liberdade de ser espontâneo é algo que nós levamos conosco e que faz diferença aqui também.

P: E você acha que isso influencia os austríacos e outros europeus?

R: Sim. Muitas vezes, quando um latino começa a dançar ou se expressar, os europeus acabam se contagiando. No começo olham com estranheza, mas depois se aproximam, admiram e até participam. Não é julgamento, é mais curiosidade e admiração. Essa troca é muito rica.

P: E hoje, depois de tantos anos, como você se sente em Viena?

R: Hoje estou muito mais tranquilo. Aprendi a lidar com a solidão, consegui me integrar melhor graças ao alemão, e isso foi fundamental. Tenho amigos, tenho um trabalho estável, e sinto que finalmente estou bem. Não penso em voltar para o Brasil de forma definitiva. Quero aproveitar as oportunidades daqui: viajar, conhecer culturas, ter experiências que seriam muito mais difíceis no Brasil.

P: Há planos para o futuro?

R: Não penso em voltar definitivamente ao Brasil. Quero continuar morando aqui e aproveitar as experiências que Viena e a Europa oferecem. Amo viajar, e aqui tenho muito mais possibilidades. Já conheci quase toda a Europa e meu plano é continuar viajando,

conhecer o máximo de lugares possível. O Brasil vai continuar sendo importante, claro, mas para visitar, passar férias, rever família.

P: E em termos de trabalho e finanças, como você vê sua situação atual?

R: Aqui consigo viver bem mesmo com um salário básico. Pago aluguel, tenho alimentação, consigo guardar dinheiro e investir em viagens. Também penso em investimentos no Brasil, mas não preciso estar lá para isso — hoje tudo pode ser feito online. A grande diferença é que, no Brasil, trabalhando 50 ou 60 horas por semana, mal dá para pagar o aluguel. Aqui, com 30 ou 40 horas, já consigo viver com tranquilidade. Isso traz uma sensação de segurança e de planejamento que eu nunca tive antes.

P: Sua qualidade de vida melhorou?

R: Sem dúvida. Não ganho um salário alto, mas vivo com dignidade, sem precisar me matar de trabalhar. Posso planejar o futuro, viajar e cuidar de mim mesmo. Isso, para mim, é qualidade de vida.

P: Muitas pessoas da América Latina pensam em vir para a Europa, trabalhar muito, juntar dinheiro e depois voltar. O que você acha dessa ideia?

R: Antigamente acho que fazia sentido. Mas hoje, para mim, não é mais a melhor opção. Eu prefiro viver aqui, aproveitar as oportunidades e usar o dinheiro que ganho para viajar e investir. Com a tecnologia atual, eu posso investir no Brasil mesmo estando em Viena. Não preciso voltar para lá para fazer isso.

P: E financeiramente, como funciona para você aqui?

R: O que eu ganho é suficiente para viver, guardar um pouco e ter qualidade de vida. Eu não gasto com futilidades, roupas caras ou coisas assim. Prefiro investir em experiências, principalmente em viagens. Essa é a grande diferença: aqui você consegue se planejar. No Brasil, mesmo trabalhando muito, é difícil juntar dinheiro. Aqui, mesmo sem ganhar fortunas, você tem estabilidade.

P: Então, Rodrigo, depois de tudo o que passou, como você se sente hoje?

R: Hoje estou feliz. Estou estável, tranquilo, e aprendi a lidar com a solidão. O alemão foi fundamental para me integrar, e agora tenho amigos, trabalho e uma vida mais equilibrada. Sinto que Viena é minha casa. Não penso em voltar para o Brasil definitivamente, mas sim aproveitar o melhor dos dois mundos: viver aqui e visitar o Brasil sempre que possível.

P: E qual é a sua principal prioridade agora?

R: Continuar viajando, conhecendo novos lugares, aprendendo com diferentes culturas. Isso é o que mais me motiva. Tenho dinheiro guardado e quero investir em experiências que me façam crescer. Minha prioridade é qualidade de vida, não coisas materiais.

(Agradecemos esta entrevista e esse diálogo.)

